

O DIA
SEGUINTE

ACM anuncia demissão de Rubens Gallerani, seu amigo e representante do governo da Bahia em Brasília, por causa das denúncias de enriquecimento ilícito e tráfico de influência, publicadas pelo *Correio*: "Sempre desconfiei que ele tinha uma vida além do que seus meios permitiam"

Embaixador demitido

Olimpio Cruz Neto
e Denise Rothenburg
Da equipe do *Correio*

O presidente do Congresso, senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), anunciou ontem pela manhã a demissão do "embaixador" da Bahia, Rubens Gallerani. Exonerado pelo governador César Borges, Gallerani era até ontem representante do governo estadual em Brasília. Estava no cargo desde 1979, de onde só se manteve afastado entre 1985 e 1990, quando o governador foi Waldir Pires, inimigo de Antônio Carlos. A comunicação do desligamento de seu ex-colaborador foi feita à imprensa logo que ACM chegou ao Senado. Dizendo-se surpreso e decepcionado com as denúncias de tráfico de influência e enriquecimento ilícito de Gallerani, publicadas na edição de ontem do *Correio Braziliense*, o senador baiano admitiu que Gallerani é seu amigo há muitos anos, mas negou que fossem íntimos.

"Quando estive enfermo, ele (Gallerani) fazia cooper comigo. Mas não conheço a casa dele nem nunca tive essa intimidade", reagiu. Antônio Carlos estava visivelmente abatido ao entrar no edifício do Congresso. "Acho muito estranho — se for verdade — ele ter aqueles bens", afirmou. "Ele não ganhou (dinheiro) para isso e não acoberto nada que seja indecente".

Ao entrar no plenário do Senado perto do final da manhã, ACM não se dirigiu à presidência da mesa dos trabalhos. Ficou no plenário para apresentar um requerimento pelo aniversário do cardeal do Rio, dom Eugênio de Araújo Sales. Saiu dali meia hora depois e, na hora do almoço, reuniu-se com jornalistas para uma conversa em seu gabinete, na presidência da casa. Ali, Antônio Carlos adiantou que os sinais de enriquecimento do seu ex-assessor no Ministério das Comunicações (durante o governo José Sarney) é no próprio Congresso já haviam chamado sua própria atenção. "Sempre desconfiei que ele tinha uma vida além do que seus meios permitiam, mas confesso que não sabia como ele vivia", comentou. "Ninguém que tem amizade comigo, tem intimidade comigo", reiterou.

INFLUÊNCIA DO ASSESSOR

De acordo com o processo de separação judicial que tramita na Justiça do Distrito Federal cujo conteúdo o *Correio* teve acesso, o patrimônio de Gallerani é superior a R\$ 3 milhões. O valor é incompatível com o sa-

lário de um simples funcionário público. Ele é dono de uma casa no Lago Sul, dois terrenos no Lago Norte, uma casa em Miami, três flats, automóveis importados, duas lanchas e dois jet-skis.

Na conversa com os jornalistas, o presidente do Senado duvidou que seu ex-colaborador tenha feito tráfico de influência durante sua gestão no comando do Legislativo. "O Gallerani tem menos influência que um contínuo do Senado", declarou. Mas anunciou que estava disposto a ir fundo na apuração do caso e já havia determinado o início de uma investigação. A Procuradoria da Justiça da Bahia deveria receber ainda ontem o pedido do senador.

O senador quer saber se Gallerani realmente atuou no Senado em favor da empresa Aceco, que vende móveis para escritório. A reportagem do *Correio* descobriu que contratos superiores a R\$ 6 milhões foram fechados pela empresa com o Senado Federal desde que ACM exerce a presidência.

Os principais dirigentes do Senado — o diretor-geral Agacieli Maia e a diretora do Prodasen, Regina Borges — foram chamados, antes da reunião de ACM com jornalistas, ao seu gabinete para prestar esclarecimentos sobre as circunstâncias em que o contrato com a empresa foi fechado. A diretora do Prodasen confirmou que a Aceco foi contratada sem licitação, mas porque era a única empresa no Brasil que vende um dos itens adquiridos pelo órgão: uma sala-cofre hermeticamente fechada para proteger os dados armazenados pelo Prodasen.

MARIDO E MULHER

O senador baiano também disse que esteve no início da manhã com seu ex-assessor, na residência oficial da presidência do Senado. Segundo o próprio ACM, Gallerani o procurou ontem para negar o teor da reportagem do *Correio*, que levantou indícios de enriquecimento ilícito. "Foi dizer que era tudo mentira", disse. Mas, segundo contou Antônio Carlos, nem deixou que ele se explicasse. Expulsou-o de sua casa.

Ele confirmou que conheceu socialmente as duas ex-esposas de Gallerani e chegou a receber um fax da segunda ex-mulher dele quando o casal se separou. Na correspondência, de acordo com Antônio Carlos, a mulher de Gallerani — Mara Lúcia — pediu a sua ajuda para salvar o casamento. Segundo o senador baiano, ele próprio deu pouca importância ao caso por se tratar de uma briga entre marido e mulher.

José Varella



ACM, ONTEM, NO CONGRESSO: "QUANDO ESTIVE ENFERMO, ELE (GALLERANI) FAZIA COOPER COMIGO. MAS NÃO CONHEÇO A CASA DELE NEM TIVE ESSA INTIMIDADE"